



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 80
Março – 2007

S U M Á R I O

- | | | |
|----|---|--------------------------------|
| 2 | Estados Unidos: do Iraque ao Brasil | Virgílio Arraes |
| 4 | Um olhar sobre as relações internacionais da América do Sul no século 21 | Thiago Gehre Galvão |
| 9 | Bush no Brasil | Cristina Soreanu Pecequilo |
| 11 | Europa, a façanha da paz | Maria Izabel Mallmann |
| 13 | Cuba: nova inserção no pós-socialismo e visões antidemocratizantes | José Ribeiro Machado Neto |
| 16 | Vietnã: sentando-se à mesa para falar mais alto na região | Ricardo DaSilva |
| 18 | O poder militar argentino e o equilíbrio geopolítico na América do Sul | João Fábio Bertonha |
| 21 | Rodada Doha: uma análise do estado atual das negociações sob a lógica dos jogos de dois níveis | Marcos Paulo de Araújo Ribeiro |
| 24 | Uma Coréia desnuclearizada? A barganha de Pyongyang | Ricardo dos Santos Poletto |
| 26 | Processo Eleitoral em Timor-Leste: a relação entre paz e democracia nas missões das Nações Unidas | Izadora Xavier do Monte |

Estados Unidos: do Iraque ao Brasil

VIRGÍLIO ARRAES*

A visita do Presidente George Bush ao Brasil no dia 8 de março expressa uma diversificação da política externa americana em relação ao acesso de fontes energéticas. No Oriente Médio, o binômio democracia e petróleo, formulado há alguns anos, já não prospera. O fundamentalismo na região recrudescer e os preços do produto, conquanto estejam atualmente na faixa dos 50 dólares, aproximaram-se em 2006 dos 80 dólares. Não há, no curto prazo, perspectiva alguma de que retornem aos patamares de antes da Segunda Guerra do Golfo, ou seja, 30 dólares.

A despeito das dificuldades, os Estados Unidos aventam a hipótese de desencadear, mesmo unilateralmente, mais um conflito em pouco mais de cinco anos, no caso com o Irã. Nesse sentido, o governo Bush vai de encontro ao teor do Relatório da Comissão bipartidária (James)Baker-(Lee)Hamilton, vindo a lume em dezembro passado, que advogou a retomada de contatos tanto com a Síria como com o Irã. O objetivo dessas recomendações pela Comissão foi de atenuar a instabilidade da região.

O mais temerário na confrontação com o Irã é o emprego hipotético de armas atômicas para exatamente conter o programa nuclear desse país. Sem criatividade, o governo norte-americano segue, à primeira vista, o roteiro utilizado anteriormente com o Iraque, antes da proclamação da guerra em março de 2003, ao valer-se do palco das Nações Unidas para fundamentar as medidas a serem destinadas aopositor do momento.

Por outro lado, a Casa Branca já não comenta com entusiasmo a disseminação da democracia na área médio-oriental e imediações, ao enfatizar o combate ao terrorismo e a limitação da posse de armas de destruição em massa por terceiros. Resignase, pois, a descartar o projeto de transformação política de lá, formulado na década passada.

Destarte, sem apoio da comunidade internacional para nova investida bélica, os Estados Unidos precisam amenizar o seu desgaste no Oriente Médio. Ao valorizar a diplomacia para outras regiões do globo, o país tenta demonstrar que a sua política externa adota o posicionamento necessário para cada situação, sem atuar, por conseguinte, de modo uniforme para todos os países.

Nesse sentido, o Presidente Bush lança temporariamente os olhos para a América do Sul, com o objetivo de reiterar a proximidade no campo político com o continente e, desta forma, contrabalançar a diplomacia presidencial venezuelana de Hugo Chávez, em cuja órbita já se encontram Bolívia e Equador.

Na economia, Bush busca reforçar os laços econômicos de longo prazo. Entre todos os países a serem visitados, o Brasil destaca-se, dentre outros motivos, por causa de sua política comercial de êxito, ainda não afetada pela valorização excessiva do real. No governo Lula, o Brasil conseguiu responder por pouco mais de 1% do comércio mundial, índice obtido anteriormente na gestão Sarney.

Acrescente-se que outro fator de interesse econômico para os Estados Unidos, diante da instabilidade do Oriente Médio, é o promissor potencial do Brasil em combustíveis renováveis. É possível que, a partir dos próximos dez anos, o país possa aos poucos caminhar para o exercício de papel similar ao da Arábia Saudita atualmente, visto que a produção petrolífera ruma, em breve, para o seu descenso.

Assim, a diplomacia norte-americana tem de necessariamente antecipar-se à da China, cujo dispêndio de energia, dado o seu crescimento significativo ininterrupto, deverá elevar-se. Diferentemente do Brasil e dos Estados Unidos, contudo, ela não terá condições de redistribuir o cultivo de seus produtos, a fim de atender a sua demanda por combustíveis.

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB (arraes@unb.br).

Desta maneira, o governo chinês tem de aproximar-se de grandes centros produtores.

Com o crescimento inexorável do consumo, a comunidade internacional terá de dedicar-se à procura de fontes energéticas alternativas e renováveis. No entanto, destaque-se que o álcool não substituirá totalmente os combustíveis fósseis. Um e outro conviverão durante muito tempo, ainda que cotados cada vez mais desigualmente, em decorrência da melhoria da produtividade daquele e da escassez maior deste.

O Brasil sobressai em virtude de sua experiência técnica de três décadas na área, por causa da implementação do programa Proálcool em 1975, e da ampla disponibilidade de terras férteis. Por último, o país, para se tornar o referencial futuro em fontes renováveis de energia, terá de deslocar mais e mais recursos do corrente processo de financeirização para aplicar em infra-estrutura, com o propósito de abrandar o custo-Brasil e atrair investimentos complementares para o campo do biocombustível.



Como publicar Artigos em Meridiano 47

O Boletim *Meridiano 47* resulta das contribuições de professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais ligados à área, cuja produção intelectual se destine a refletir acerca de temas relevantes para a inserção internacional do Brasil. Os arquivos com artigos para o Boletim *Meridiano 47* devem conter até 90 linhas (ou 3 laudas) digitadas em processador de textos de uso universal, espaço 1,5, tipo 12, com extensão em torno de 5.500 caracteres. O artigo deve ser assinado, contendo o nome completo do autor, sua titulação e filiação institucional. Os arquivos devem ser enviados para editoria@meridiano47.info indicando na linha *Assunto* "Contribuição para Meridiano 47".